



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 3
maio-jun.2025
p. 38-64

Imperativos da masculinidade: uma escuta da psicanálise clássica aos tempos digitais

(Imperatives of masculinity: a listening from classical psychoanalysis to the digital age)

(Imperativos de la masculinidad: Una escucha desde el psicoanálisis clásico hasta la era digital)

João Luís Miola¹

RESUMO: O tema das masculinidades não é novidade. Se a masculinidade hegemônica vem sendo mapeada por diferentes autores de gênero e de sexualidade, o que nos permitiria uma psicanálise contemporânea, implicada no remapeamento e releitura dos movimentos contemporâneos no entendimento das masculinidades não-hegemônicas? De que maneira poderíamos ler – com a psicanálise – os processos de subjetivação masculina em um momento que o Outro se apresenta de maneiras inéditas pela lógica das redes sociais? Em meio a uma miscelânea de discursos, que produções de subjetividade masculina se fazem nas configurações psíquicas, na estruturação de identidades e de sexualidades nos novos imaginários sociais masculinos? Ainda que o movimento das crises da masculinidade produza repetidamente uma tentativa de dominação do que é o masculino e o homem, a leitura destes movimentos não está antecipada em um “já dito” da psicanálise, mas, antes, em um “ainda não dito” sobre um acontecimento repetido, porém não igual.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Psicanálise; Cibercultura.

Abstract: The theme of masculinities is not new. While hegemonic masculinity has been mapped by various gender and sexuality authors, enabling a contemporary psychoanalysis, involved in the remapping and reinterpretation of contemporary movements in understanding non-hegemonic masculinities, how could we read – through psychoanalysis – the processes of male subjectivation at a time when the Other presents itself in unprecedented ways through the logic of social networks? Amidst a miscellany of discourses, what productions of male subjectivity occur in psychic configurations, in the structuring of identities and sexualities in new male social imaginaries? Despite the movement of masculinity crises repeatedly attempting to dominate what is masculine and man, the interpretation of these movements is not anticipated in an already stated psychoanalysis, but rather in a “not yet said” about a repeated yet not identical event.

Keywords: Masculinity; psychoanalysis; cyberculture.

Resumen: El tema de las masculinidades no es nuevo. Mientras que la masculinidad hegemónica ha sido cartografiada por diversos autores de género y sexualidad, posibilitando una psicoanálisis contemporánea implicada en el remapeo y reinterpretación de los movimientos contemporáneos para comprender las masculinidades no hegemónicas, ¿cómo podríamos leer, a través del psicoanálisis, los procesos de subjetivación masculina en un momento en el que el Otro se presenta de maneras inéditas a través de la lógica de las redes sociales? En medio de una miscelánea de discursos, ¿qué producciones de subjetividad masculina se generan en las configuraciones psíquicas, en la estructuración de identidades y sexualidades en los nuevos imaginarios sociales masculinos? Aunque el movimiento de las crisis de la masculinidad intenta repetidamente dominar lo que es masculino y el hombre, la interpretación de estos movimientos no está anticipada en un “ya dicho” del psicoanálisis, sino más bien en un “todavía no dicho” sobre un acontecimiento repetido, pero no idéntico.

Palabras clave: Masculinidad; psicoanálisis; cibercultura.

1 Psicólogo (UFRGS – CRP 07/35390) e psicanalista, mestrando em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI – UFRGS), especialista em Psicanálise, Sexualidade e Relações de Gênero (IPPERG/Instituto Fortiori/FAUSP), percurso em psicanálise (APPOA). E-mail para contato: joaomiola@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/03/2024
Aceito em 26/12/2024

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter
(Gilberto Gil – Super-homem (A canção))

1 A masculinidade em Freud

A psicanálise, tal como conceituada e entendida por Freud, não chegou a se ocupar estritamente em definir masculinidade e feminilidade (conceituada como atividade e passividade respectivamente), já que não se tratava de uma teoria de gênero. De toda a maneira, ainda que não haja definições concretas sobre a masculinidade na psicanálise – pelo menos não até o início dos estudos de gênero e os *Men's studies*, com mais protagonismo a partir dos anos 80 –, podemos traçar propostas e leituras de uma definição deste conceito na teoria. Segundo a leitura de Vinícius Lima (2022b), Freud passaria por 3 momentos definidores da noção de homem e de masculino: 1) Nas teorias sexuais infantis (Freud, 2016), onde introduz a diferença anatômica entre meninos e meninas como fundante da sexualidade infantil; 2) Nos estudos sobre a peculiaridade na escolha objetual dos homens (Freud, 2018f) e a degradação do objeto, onde introduz a ideia de que “quando amam, não desejam [*begehren*], e quando desejam, não podem amar” (Freud, 2018d, p. 104); 3) No famoso e caro trabalho para a psicanálise *Análise terminável e Interminável* (Freud, 2018a), em que estabelece o homem (e a masculinidade) como uma posição que repudia a feminilidade e que, ao final de uma análise, Freud mesmo se vê impossibilitado de levar homens a adotarem uma posição passiva (ou feminina) frente a outros homens.

1) No concebimento das teorias sexuais infantis, Freud (2016) enuncia o momento edípico de descoberta do pênis, em que se daria a constituição da diferença sexual e, com isso, a ameaça de castração. Isso gera um tremendo horror no menino ao deparar-se com um ser sem pênis, vindo a considerar que ele mesmo pode vir a perdê-lo – ainda que de maneira imaginária. Nesse sentido, Freud (2018e) afirma que o menino teme virar menina, teme perder o valioso órgão que possui entre as pernas, símbolo da virilidade (a qualidade do masculino). Assim, a masculinidade adviria enquanto a luta para não perder o pênis, não perder o falo (o valor simbólico do pênis), lançando mão de um voluntário abandono da própria feminilidade (Freud, 2016). Logo, a masculinidade, aqui, seria fortemente genital, ainda que não exclusivamente: tentar manter o pênis e descobrir a conduta necessária para que não aconteça o mesmo que aconteceu com a menina. Trata-se de uma ilusão, uma fantasia ou, para fazer jus ao título do texto de Freud, uma mera teoria sexual infantil (infantil no sentido de ser pueril e de ser do tempo da infância), mas com um valor significativo para a produção da subjetividade masculina (Bleichmar, 1999).



2) Dentro desse primeiro momento, o menino passa pelo Édipo e, com o declínio deste, se orienta em direção ao objeto amoroso – vindo a ser definido ou não, de acordo com as ideias de Freud, a partir da articulação deste direcionamento com o erotismo genital no momento da puberdade (Freud, 2018b). Se no primeiro tempo o menino teme ficar como a menina, no seguinte, com a definição da escolha amorosa de rumo “normal” (heterossexual) pela mulher – enquanto substituta viável da mãe – há uma “somatória” das teorias sexuais infantis à proibição do incesto: uma repulsa ao feminino, tradutor de uma repulsa aos aspectos passivos vividos na posição infantil primordial em relação à mãe. Nas palavras de Freud (2018c, p. 185), “a depreciação da mulher, o horror à mulher e a disposição à homossexualidade”. Lima (2022b) defende que esta degradação se daria de maneira a poder controlar e operar o objeto temido. Objeto desejado, porém temido.

Freud (2018f) defende que o homem deprecia o sexo oposto para preservar o seu genital intacto, sob a justificativa de que, assim, estaria suficientemente distante da mãe, cuja quebra da proibição do incesto causaria sua castração pelo pai. Porém, não seria possível amar a uma figura degradada, justamente por também ser demasiado distante da figura materna. Por outro lado, frente a uma figura amada e cuidadora, a relação sexual se veria fragilizada por apresentar uma grande proximidade com a mãe e, com isso, um novo risco de castração.

Dessa maneira, é criada uma impotência psíquica no declínio do Édipo masculino, gerando uma cisão: amar onde não se deseja, desejar onde não se ama. Neste sentido, é criada a dualidade entre a santa e a puta. Amar a santa, mas sem desejá-la, reconstruindo a fórmula edípica, sem que isso ultrapasse a lei e acabe castrado. Desejar a puta, mas sem amá-la, já que, assim, estará suficientemente longe da castração, mas desamparado². Em paralelo, esta cisão enquanto operação psíquica, também serve ao propósito de proteger o menino da possibilidade dos investimentos eróticos da mãe.

3) Se, no primeiro momento, Freud (2018c, p. 185) tratou da masculinidade enquanto o “horror à mulher” (ou à menina); e, no segundo, da degradação da mulher; na última fase de sua obra, o autor adiciona um novo elemento: a “recusa da feminilidade” (Freud, 2017, p. 335). Esta adição ao entendimento do “empenho pela masculinidade” (Freud, 2018a, p. 204) não exclui as anteriores, mas adentra um ponto menos trabalhado por Freud: a honra entre os homens. Lerner (2019, p. 116) define a honra para homens enquanto o que “inclui autonomia, o poder de dispor de si e decidir por si mesmo, e o direito de que essa autonomia seja reconhecida por outros”.

2 Freud desconsidera a atenção à relação homoafetiva com o pai, de onde bebe uma virilidade que toma para si e por quem também se tem muito amor (Bleichmar, 2006). A identificação e recusa à feminilidade não encerra o afeto homoerótico e a feminilidade; não à toa, amizades entre homens envolvem violências, agressões, competição e homofobia, como veremos adiante.



O que Freud (2017) enuncia é não apenas a recusa da mulher, mas a recusa da feminilidade que habita e/ou já habitou à consciência masculina no passado infantil no período pré-edípico. Isso envolve a impossibilidade – ou proibição – de estar em posições passivas frente a outros homens, consistindo em uma “revolta contra sua atitude passiva ou feminina com respeito a outro homem” (Mascarello; Weinmann, 2022, p. 14).

Frente a esta recusa, o que se faz ativamente “são apenas supercompensações excessivas que apontam para a sua presença” (Freud, 2017, p. 335). Poder construir com seus pacientes homens uma possível passagem ou aceitação desta posição feminina era o grande desafio de Freud, sendo esta dificuldade lida como um limite da própria análise do autor (Mascarello; Weinmann, 2022). Portanto, a recusa da feminilidade nos indicaria apenas uma tentativa de manter longe o estranho que habita aos homens, já que, para terem constituindo-se, se fez necessário um amor pelo pai, uma introjeção de seu falo, um fantasma homossexual (Bleichmar, 2006). É da recusa deste homoerotismo imanente – que é diferente de uma homossexualidade inerente – que um apelo por uma performance viril exagerada se apresenta. Neste sentido, a verdade da masculinidade tem uma “estrutura de ficção” (Lacan, 1995, p. 259).

O irônico, assim como dito por Lacan (*apud* Lima, 2022a, p. 14), é que esta recusa e as supercompensações se tratam de um engodo viril, um ridículo que se oculta neste disfarce viril e estaria sustentado sobre um mito, como veremos adiante. Ao recusar a feminilidade, o homem castra a si mesmo. Isso é o que Butler (2020) chamaria de “melancolia de gênero”: para que esta estrutura de masculinidade se mantenha em pé, é preciso rejeitar a uma parte importante desta mesma constituição para pertencer a esta comunidade dos homens – ainda que, para ingressar nela, seja necessário a presença da parte que, posteriormente, fica recusada. Segundo a autora, “O homem hétero torna-se o homem (imita-o, cita-o, apropria-se dele e assume seu status) que ele ‘nunca’ amou e ‘jamais’ pranteou” (Butler, 2017, p. 156). Lima (2022b, p. 11) aponta que Freud chegou a nomear uma “concepção sádica do coito”, em que envolveria uma posição passiva diante do pai – sua castração – e que isso seria um risco para a masculinidade do sujeito. O autor ainda ressalta que esta fantasia poderia aportar uma abertura na estrutura masculina, de maneira a remeter não à uma fantasia de castração feminilizante, mas um sinal ao feminino constitutivo que ampliaria o gozo fálico para o Outro gozo – de que falaremos mais adiante.

2 Lacan e os mitos fundadores

Lacan, por outro lado, parte de outros pontos de Freud, em uma fundamentação mais política e social. O autor se interessa pelos mitos (Lacan, 2021), pela constituição a partir de um



“universo dos símbolos” (Lacan, 1986, p. 184). O referencial do masculino, nesse sentido, seria, em um primeiro tempo, o pai edípico – em que funda o Nome-do-Pai – e, depois, o pai da horda de *Totem e Tabu*: a exceção à regra. Exceção que configura a busca masculina. O pai enquanto a referência do gozo fálico para os homens, cuja tentativa é a de ser a exceção, tal qual o pai foi. O paradoxo, como bem tratado por Bleichmar (2006), é que, se há uma tentativa e/ou busca por ser a exceção, é porque já se é castrado. O trabalho, portanto, é uma negação em operação constante.

O autor francês toma dois momentos em sua abordagem do masculino: 1) referência à masculinidade enquanto uma fantasia ou semblante de virilidade, sustentada sobre um aparato referencial histórico, discursivo e biológico (materialista), ainda que de maneira menos apegada do que em relação a Freud; 2) uma leitura a partir de *Totem e Tabu*, de Freud, em que adota uma perspectiva antropológica e formal, com a referência ao pai da horda como o mito fundante (ideal de Eu) da masculinidade. A partir do Seminário XVIII, a definição de Lacan passa a se basear em critérios antropológicos e formais, de teor universalista, com a elaboração das tábuas da sexuação (Ambra, 2021b). Neste segundo momento, há uma primazia do autor pelo registro do Real, do inapreensível, do que não se pode ser escrito, mas que pode ser formalizado. O sexo, portanto, seria algo do impossível de definir ou representar precisamente, de uma ontologia negativa (Cossi, 2022).

Primeiramente, Lacan rompe, ainda que não totalmente e passando por diversas contradições em relação a isso, com a vertente biologicista e genitalista de Freud ao situar a identidade de gênero enquanto uma posição discursiva³:

A identidade de gênero não é outra coisa senão o que acabo de expressar com estes termos ‘homem’ e ‘mulher’. É claro que a questão do que surge precocemente só se coloca a partir de que, na idade adulta, é o próprio destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres. (Lacan, 2009, p. 30)

Ou seja, não há um ato inaugural que defina homem ou mulher no nascimento ou em um ultrassom. O menino não se torna menino por ter um pênis, mas por socialmente não ser tomado por menina e se contrapor a ela. Vale a lembrança de que Lacan não se descola totalmente do órgão para fazer suas afirmações sobre o caráter de semblante das posições de gênero.

Segundo Ambra (2021), homem e mulher formam representantes de representação (*Vorstellungrepräsentanz*). Ou seja, produções discursivas, ao invés de determinações biológicas ou de identidades de gênero. Isso significaria dizer, neste momento da obra de Lacan, que “se

3 Lacan perpassa por conflitos e contradições na progressão de sua teoria, vindo a sobrepor, confundir, diferenciar e separar diversas vezes pênis e falo, de maneira a – consciente ou inconscientemente – nos ilustrar a incapacidade da linguagem em dar conta do real do sexo e de suas vicissitudes pulsionais.



há uma sexualização das diferenças orgânicas, ela se dá a partir do social e tem relações com a posição política da psicanálise” (Ambra, 2021, p. 45).

Nesse ponto, a masculinidade – tomada enquanto sinônimo de virilidade na ordem sexual patriarcal capitalista – é “por excelência da ordem da fantasia”, um engodo viril (Miller, 2011, p. 55). Trata-se da assunção ou de um uso de uma posição discursiva cujo engodo é uma promessa de completude através do ideal da virilidade. Seria o meio através do qual o buraco da castração completar-se-ia com o objeto *a*, fazendo Um (Miller, 2011). É neste sentido que a “aspiração de masculinidade”⁴ (Freud, 2017, p. 335), nomeada por Freud como característica inerente ao homem junto da energética repressão da “atitude passiva” – que pressuporia a aceitação da castração – pode ganhar novos contornos em Lacan ao se tratar de um discurso, um alicerce significante que pode deslizar e constituir novos formatos, pois se trata de uma posição mais do que de uma identidade (Lima, 2022a)

Na obra de Lacan, importaria ao homem “parecer-homem” (Ambra, 2021, p. 48), sustentar um semblante frente à mulher, para quem “toda formação do homem é feita para responder” (Lacan, 2009, p. 33). Isso não seria nada além de uma performance de masculino a partir de um engodo viril que desemboca em uma atuação ridícula pelas “supercompensações excessivas” (Freud, 2017, p. 335) para reprimir as atitudes passivas.

Cabe a lembrança de que, para Freud (2016), homem e mulher se referem a identificações inconscientes, direcionando a escolha objetual do sujeito – ainda que esta ideia esteja calcada no prazer do órgão genital. Mesmo que não houvesse uma proposição de teoria de gênero, a dificuldade de Freud em definir a travessia da menina pelo Édipo (travessia enquanto definidor do objeto de amor, para o autor), colocando como algo particular, nos mostra que “o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (Soler *apud* Ambra, 2021b, p. 30). O que Lacan bebe disso em sua obra, em um primeiro momento, é tomar o Édipo como o momento normatizador, tendo como função constituir a “virilidade e a feminização” (Lacan, 1999, p. 171). Em outras palavras, o Édipo seria o que constitui o Ideal de Eu; que, no que concerne ao interesse deste artigo, se traduziria por “Ideal de Homem”.

Os mitos, portanto, são referências históricas, herdadas simbolicamente pelo sujeito ao se

4 Há uma diferença nas traduções consultadas deste trabalho de Freud. No original em alemão, Freud (1950, p. 92) utiliza o termo “Männlichkeitsstreben”, sendo *Männlichkeits* a masculinidade e *streben* esforço. Na edição da Companhia das Letras, traduziu-se por “empenho à masculinidade” e na edição do grupo Autêntica, por “aspiração ao masculino”. Optamos por utilizar as duas traduções em momentos distintos, dado o contexto de suas utilizações. No âmbito freudiano, em aproximação à ideia de “esforço” ou “luta”, empenho se aproxima a uma ideia de empenho para a constituição da masculinidade, ainda que Freud não ressalte a não obviedade do masculino, como Bleichmar (2006) o fará. No segundo momento, com Lacan, há uma menção mais aproximada a uma posição discursiva, em que a posição masculina envolve um engodo de falicidade, envolvendo uma aproximação maior a ideia de “aspiração” do que de “empenho”.



relacionar com o Outro, de maneira a tomá-los, à sua maneira, para constituir-se psiquicamente. O mito individual do neurótico não se refere a nada além disso: uma tradição é herdada, ainda que não dê conta totalmente pela palavra, de maneira que cabe ao sujeito, em seu desdobramento narcísico (o que se espera dele a partir desta herança em constante disputa com o que ele pode fazer com sua herança) (Lacan, 2021). O que Lacan introduz, ainda que os desdobramentos ocorram ao longo de contradições e progressões em sua obra, é que o mito age segundo uma forma: através de uma língua – reversível e operacional, sem força de lei – e de uma palavra – irreversível, com força de lei (Cunha, 1987).

Como diz Cunha (1987, p. 20), “o tempo do mito é reversível porque está sempre presente, mas cada vivência mítica particular é irreversível no tempo porque individual”. Ou seja, “o processo de cura na psicanálise se dá na procura do tempo perdido, mostrando como o mito (complexo) de Édipo é atemporal na sua estrutura formal (reversível), mas irreversível no seu conteúdo pessoal histórico” (*Ibidem*, 1987, p. 20). Dessa forma, com que mito normatizador e sexuante Lacan dialoga na transição da concepção de masculino/virilidade enquanto semblante para a concepção formal, que rege as fórmulas da sexualização?

Com a introdução do termo “Nome-do-Pai” (mais precisamente traduzido como “sobrenome do pai”, o que traria o caráter hereditário do universo simbólico e do mito familiar), Lacan dá uma pista ao que guiará as tábuas da sexualização no Seminário V: o mito de *Totem e Tabu*, o mito do gozo e sua regulação. Se neste seminário Lacan (1999) faz uso do totem enquanto aquele que ordena o que é proibido e do Nome-do-Pai enquanto o suporte desta ordem – em referência à travessia edípica –, na elaboração das fórmulas da sexualização o que interessa é a própria figura do Pai enquanto mito não da humanidade, mas do homem (Ambra, 2021). Ou seja, a lógica que rege a sexualização do homem não é apenas uma posição discursiva intercambiável, mas um pai primevo, a referência de alguém que tudo pode, um não castrado, com o qual todos os homens terão que lidar ao se configurarem como homens⁵. Vamos por partes.

3 As fórmulas da sexualização e o porvir nas masculinidades

Não temos a proposta de delinear e constituir um modelo explicativo das fórmulas da sexualização de Lacan, mas sim de fazer uso dela de maneira operacional ao que nos serve enquanto a proposta de mapear “o que é o masculino” para Lacan desde a sua proposição de que as fórmulas

⁵ A ideia aqui é que todos os homens terão que se haver com o Ideal de Homem viril, onipotente, dominador, seguro, branco, cis, hetero etc. Ainda que estes ideais estejam em queda livre, o referencial de homem segue sendo este, segue produzindo subjetividade, seja em consonância, seja em dissonância, já que não há outra definida. Não se busca A mulher, mas se busca O homem. Isso nos é herdado, ainda que não tenha a mesma força – o que não quer dizer que seja uma força menor, mas diferente.



representam posições frente ao gozo – ainda que não se refira diretamente a “posições de gênero”. Na empreitada de Lacan de destituir “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino” enquanto associações imaginárias a algo do real do corpo, acabou ele mesmo se atrapalhando e não fornecendo uma ressignificação do “uso corriqueiro desses termos”, como bem trabalham Lima e Vorcaro (2018, p. 36). É nessa toada que junto de alguns autores contemporâneos traremos possibilidades de leitura das fórmulas da sexuação enquanto posição de gozo – como almejado por Lacan – e enquanto assunção de uma reprodução de “semblantes sexuais, ligados aos campos dos gêneros tal como tradicionalmente construídos” (Lima; Vorcaro, 2018, p. 36). Afinal, a confusão que Lacan mesmo faz ao ora sobrepor ora separar posição de gozo das categorias de “homem” e “mulher” parece ser sintoma do próprio imperativo cultural que limita e restringe as formas de sexuação e de constituição de gênero frente ao Outro.

As fórmulas de Lacan envolvem sua insistência na tentativa de dar forma e de matematizar algo que é impossível de dar conta pelo discurso. O sexo e a sexuação seriam dimensões inefáveis, das quais palavra nenhuma conseguiria transmitir suas configurações, o que não quer dizer que não seria possível de formalizar um entendimento sobre elas (Ambra, 2021). Nesse sentido, a ambiguidade deixada por Lacan abriu brechas para diferentes entendimentos de suas proposições. Se por um lado, poderíamos dizer que essa leitura conservadora da leitura das fórmulas – que reforçaria uma visada limitada ao gênero – não seria psicanalítica; por outro, é preciso afirmar que ela tomou parte na teoria e, por isso mesmo, é preciso reaver tais leituras (Ambra, 2016) demonstrando que, ao considerar o inconsciente, a relação entre sexo e gênero mostra-se necessariamente refratária a qualquer tipo de normatividade. A partir da reconstrução da história política do termo heterossexual, apresentaremos uma analogia ao tipo de mecanismo crítico em jogo na utilização do termo cisgênero. Após uma discussão sobre o lugar da retórica da subversão dentro da comunidade psicanalítica, sublinharemos como a clínica promove a passagem a uma ética da fala, na qual os apegos identitários normativos são postos em questão. Ao prescindir da oposição corrente entre o normal e o patológico, a psicanálise questiona a dicotomia entre trans e cis a partir da ideia de que a inadequação a um corpo sexuado é constitutiva de todos os seres falantes.

Em suas formalizações, Lacan toma como inspiração a teoria dos discursos de Aristóteles. Dessa maneira, teríamos proposições universais e particulares: se digo que “todo o homem obedece à função fálica” (universal), não posso dizer que “alguns homens não obedecem à função fálica” (particular), pois isso geraria uma contradição. Onde Aristóteles estabelecia uma impossibilidade, Lacan vê as fundações para suas formulações (Murta, 2010).



Por que interessa a Lacan a contradição? Pois é nela que encontramos a base fundadora do mito da virilidade, o mito fundador do “lado homem” da tábua. Segundo o mito de *Totem e Tabu*, criado por Freud (2012) e usado como estrutura para esta teorização de Lacan, teria havido um tempo em que um pai supremo se equiparava a lei, podendo gozar de todas as mulheres que desejasse e deixasse aos filhos nenhum gozo. Os irmãos, então, se unem para derrotar o pai. Com a morte deste, é estabelecida uma lei, para que ninguém tome o lugar deste pai supremo. A partir desse pai – por causa dele e graças a ele – o referencial que funda uma organização civil é a proibição do incesto e do assassinato.

A leitura de Ambra (2021) – no sentido do que nos interessa em pensar o “homem” e a “masculinidade” na psicanálise – sobre a proposta de Lacan, nos permite acessar a ideia de que duas fórmulas definem o homem: “todo homem está submetido à norma fálica” (universal) e “ao menos um/alguém não está submetido à norma fálica”. Isso estabelece uma contradição: se todo e qualquer homem deve estar submetido à norma, como poderia um ou alguém não estar? De outra parte, se o viés para que esta constatação possa se dar é justamente a ideia de que houve, em um passado remoto, um Pai primevo que não estava submetido à norma fálica e que, com sua morte, uma lei foi instaurada, por que apenas ele era a própria lei? E, ainda, se a norma dos homens, o mito da virilidade, envolve a proibição em ocupar o lugar do Pai, por que a norma leva os homens a perseguirem justamente a ocupação do lugar deste Pai, a buscarem o gozo perdido e impossível?

Segundo Pedro Ambra (2021, p. 48), esse é a própria contradição do mito de fundação da masculinidade: “no homem, seu gozo se estrutura em um paradoxo: um gozo que é propriamente um gozar da impossibilidade de gozar”. Algo não estranho à História, visto que virilidade, na Grécia antiga, era sinônimo de virtuoso, cuja obtenção se dava através de diversas renúncias em meio aos cuidados de si (Foucault, 2019).

Nesse sentido, é preciso estabelecer uma diferenciação entre *virilidade* e *ideal viril*, ainda que, em psicanálise, utiliza-se do primeiro termo enquanto equivalente do segundo. Flávia Bonfim (2020, p. 10) afirma que a virilidade

provém do termo latim *virilitas*, sendo tomada como uma “virtude” que habita o terreno do modelo de perfeição masculina. *Vir* não é sinônimo de *homo*, logo, “virilidade” vai além da designação de “homem”. “Virilidade” comporta o ideal de força e virtude, correspondendo àquele que possui coragem, força física e vigor, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais, além de ser comedido em suas manifestações sentimentais, inclusive naquelas provenientes do sofrimento pela perda de um ente querido, devendo o luto ser escondido e superado com rapidez.

A virilidade em si, portanto, refere-se a um modelo de aptidão física, coragem, potência sexual e reprodutiva, consistência moral, demonstração de poder, disposição ao combate, honra,



intrepidez emocional. O que o *ideal viril* faz é estabelecer este modelo enquanto imperativo superegoico, de maneira a uniformizar a performatividade do que seria a masculinidade. “O ideal de virilidade ganha o peso de uma exigência, sobretudo para aqueles que não estão à altura desse padrão” (Bonfim, 2020, p. 11). O propósito desse artigo, portanto, em utilizando o termo *virilidade* se dá no tensionamento da ideia de virilidade enquanto imperativo moral ou elegido ao estatuto de ideal, o que acarretaria uma faceta vulnerável em termos psíquicos e violentos em termos de estrutura social. A virilidade em si não necessariamente carrega aspectos qualitativamente bons ou ruins, porém, ao ser elevado à categoria de ideal, vemos problemas estruturais (Bonfim, 2020; Medrado, Nascimento & Lyra, 2019). É preciso, ainda, lembrar associação direta entre o declínio viril (ou sua ameaça enquanto castração da queda fálica) e o ódio ao feminino, tanto no que pudemos assinalar sobre a masculinidade em Freud, quanto contemporaneamente, afirmado por diferentes autores (Bonfim, 2020; Lima, 2022a; Muszkat, 2006).

Cabe, ainda, percorrer brevemente asserções de virilidade como as trazidas por Henrique Restier da Costa Souza (2023). O autor evidencia a forma como a ideia de *virilidade*, *desvirilização* e *hipervirilização* são atribuídas – por vezes, simultaneamente – aos homens negros como estratégia de dominação, desqualificação e marginalização deles. Dessa forma, assim como afirma Michael Kimmel (1998), o homem negro é entendido enquanto fraco e submisso (desvirilizado); bruto, selvagem e hiper potente sexualmente (hipervirilizado); ou digno, esforçado, valoroso e energético (viril) – o que geralmente é atribuído individualmente a artistas e/ou esportistas negros que “superaram adversidades”. Dito de outra forma, o homem negro viril (no sentido valoroso), seria aquele que conseguiu se aproximar e, quiçá, performativizar o mais próximo do ideal viril branco, apenas assim obtendo o reconhecimento enquanto sujeito (Souza, 2023; Connell, 2005).

A ideia de masculinidade hegemônica, enquanto padrão de práticas utilizadas para manter a dominância sobre mulheres e masculinidades outras, diz deste mesmo lugar de ideal (Connell; Messerschmidt, 2013). “A hegemonia não significava violência, apesar de ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). Porém, a relação entre a masculinidade hegemônica e a violência está nas disputas de gênero dentro da própria masculinidade, tanto nas possíveis disputas daquilo que se atualiza como hegemônico nas masculinidades – como o surgimento do “novo homem” *geek* nos Estados Unidos ao longo dos anos 70 e 80 (Nagle, 2017; Voks, 2021) –, quanto na tentativa de manutenção ou tentativa de alcançar à masculinidade hegemônica (dificilmente alcançável). Os padrões agressivos, portanto, não são atrelados à masculinidade hegemônica enquanto “efeito mecânico do qual ela fosse a causa, mas através da busca pela hegemonia”



(Connell; Messerschmidt, 2013, p. 247).

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica não se refere precisamente a um papel de gênero ou a uma expectativa pré-definida, mas, antes, a um ideal de performativo que mantém uma relação com a dominação e com o privilégio social de destaque. Assim, ela não se resumiria exclusivamente à norma cis-heterossexual branca (ainda que haja tendências discursivas para tal), mas surge enquanto referencial para ser buscada pelas masculinidades em formação. Um padrão de comportamento seguro, que se coloca acima dos demais em um certo lugar de liderança (isso não sendo necessariamente algo positivo ou negativo), um modelo de corpo forte etc.

Uma ilustração deste ponto está na ideia de *efeminofobia*, de Mahmoud Baydoun (2020, p. 27), ao se referir aos padrões estabelecidos nas relações homoafetivas em aplicativos, em que se prioriza um corpo sarado e musculoso, com perfis recheados de “comentários normativos, discriminatórios e efeminofóbicos contra usuários que não se encaixam nas demandas intransigentes de masculinidade hegemônica e discrição”. Um dos comentários encontrados chega a dizer: “que me desculpem os afeminados, mas de mulher o mundo tá cheio”. Assim,

fica evidente que uma população que foi historicamente oprimida passa a reproduzir um discurso opressor e segregatório e pratica o preconceito contra si mesma, contribuindo para a perpetuação de lógicas binárias baseadas em relações de poder e na discriminação daqueles que não se encaixam [...] nos padrões hegemônicos de masculinidade do *status quo* patriarcal *heterofalocêntrico*” (Baydoun, 2020, p. 27).

Há, pois, notadamente uma fragilidade na estrutura masculina – subjetivada a partir deste ideal de virilidade. Seja pelas contradições apontadas por Lacan em sua própria elaboração, sendo este homem hipotético restrito a uma forma única de gozo (fálico) ilusória e produtora de inúmeras violências para tal. Assim como a fragilidade e debilidade apontada por Freud com a degradação de objeto – notadamente mulheres, homens subalternizados e/ou marginalizados (Connell; Messerschmidt, 2013) – e com a limitada posição de gozo – dependente da recusa do feminino (Ambra, 2021). Nas palavras de Butler (2020, p. 87),

Essa dependência, ainda que negada, também é *buscada* pelo sujeito masculino, pois a mulher como signo garante é [...] a promessa vã mas persistente de recuperar o gozo pré-individuado. Assim, o conflito da masculinidade parece ser precisamente a demanda de um reconhecimento pleno da autonomia, o qual encerrará [...] a promessa de um retorno aos prazeres plenos anteriores ao recalçamento e à individuação.

A questão é que gozar nunca fará Um, nunca satisfará completamente. É um engodo. A relação sexual é sempre masturbatória, querendo cumprir uma fantasia de completude de si ou de que se pode completar ou corresponder plenamente ao desejo do Outro (Lima, 2022b). No final, há sempre um Real do corpo que não passa por uma tradução possível, não completa a falta



constitutiva do Simbólico: “um contato genital sem relação sexual” (Volnovich, 2017, p. 137, tradução livre). Afinal, somos feitos de um corpo real, não apenas simbólico e imaginário: “não há uma complementariedade sexual no inconsciente, não há um parâmetro de normalidade, já que a sexualidade é sempre uma inscrição – que pode ser “toda” fálica ou “não toda” fálica – mas que sempre será artificial” (Prates, 2018, p. 56). Com a tábua da sexuação, uma leitura nova se abre para um gozo não-fálico, um gozo Outro, que vai além de Freud na ideia de que não seria possível introduzir um paciente homem a uma passividade – segundo Lacan (*apud* Mascarello; Weinmann, 2022), por uma falta de análise do próprio Freud. Aqui, podemos pensar que a limitação de Freud se dava também pela inexistência de um movimento de libertação masculina da heterossexualidade compulsório, uma masculinidade ainda tomada pelo “terror anal” (Hocquenghem *et al.*, 2009).

Em tal interpretação das fórmulas da sexuação – como propõe Lima (2022b) – poderíamos ler as masculinidades “atuais”, a partir de um referencial não da masculinidade hegemônica, mas do movimento pulsional (Cossi, 2022) da masculinidade, no que concerne a formas de gozo não restritas à fálica. Um gozo que buscaria um além falo, uma não completude, uma não tentativa de exclusão da alteridade como garantia de si. Isso gera um novo paradoxo, pois surge uma exceção à busca de ser a exceção (Lima, 2022b). O homem do engodo viril busca ser a exceção à castração, aquele que faz o que bem entende, que faz o Um. O homem que foge à norma fálica, também se torna uma exceção à norma masculina, fundando um homem cujo gozo é além-falo (Lima, 2022b; Teixeira, 2021). É importante ressaltar, ainda, a ideia de que homens, normativos ou não, carregam consigo esta insígnia da masculinidade hegemônica, seja pelo lugar ocupado, seja pelo peso do imperativo superegoico sobre o sujeito.

Resumidamente, este mito do Pai, este gozo “imbrochável” não se sustenta já em sua origem. É isso que Silvia Bleichmar (2006) tenciona ao cobrar a dívida deixada pela psicanálise com seus pacientes homens. O pênis não garante o falo e muito menos é suficiente – ou necessário – para se fazer um homem. Segundo Oliveira e França (2019), a constituição da masculinidade se daria em três tempos: 1) atribuição de identidade de gênero a partir do pênis; 2) constituição da identidade sexual a partir da significação e valorização do falo como sendo objeto de valor a ser oferecido ao Outro; 3) pertencimento à “comunidade dos homens” (Bleichmar, 2006, p. 42, tradução nossa). Entre o nascimento e o alinhamento ao Ideal dos Homens – a busca do gozo fálico – há a necessidade de uma masculinidade que precisa ser incorporada.

6 Oliveira e França (2019) optaram por traduzir por “comunidad de hombres” por “classe dos homens”. Aqui, tomamos o posicionamento de manter o sentido de “comunidade” mais do que de “classe” pela maior aproximação com a ideia de um pacto narcísico entre homens que os coloca a pé de igualdade, proteção e identificação, envolvendo uma cumplicidade mais do que uma proximidade discursiva.



Como diz Ana Laura Prates (2018, p. 56), o gozo no corpo “não se confunde com o gozo anatômico”, pois é “um gozo que não pode ser apreendido pelos mapas anatômicos contemporâneos, porque transborda o corpo recortado pelo simbólico, localizando-se no furo entre o imaginário e o real”. Ou seja, se no tempo das elaborações de Freud e de Lacan – ainda que saibamos da controversa desta afirmação e do silenciamento feito a muitas psicanalistas que propunham outras vertentes, como Sabina Spielrein, Lou-Andreas Salomé, Karen Horney etc. – o modo hegemônico de relação do corpo com o gozo era o descrito acima, o território do contemporâneo não pode seguir com os mapas de outro século e de outro continente para sua interpretação, os clássicos não podem ser sagrados (Blestcher, 2022).

Esta é uma das críticas de Preciado (2022) à comunidade psicanalítica: a escuta consegue acolher, ainda que com alguns limites, porém, a teoria falha brutalmente em fazer a leitura; o que, invariavelmente, prejudica a escuta. Desta maneira, não estaríamos seguindo o preceito fundamental estabelecido por Lacan (1998, p. 322): “Que antes renuncie a isso [a obra do psicanalista], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.

O que, portanto, marca o homem contemporâneo e quais seriam os seus mitos? Essa pergunta pode ter uma resposta, seguida de um problema em sua construção. A resposta: no contexto do Brasil, temos alguns mitos permanentes que nos atravessam, entre eles, o mito da democracia racial (Gonzalez, 2021), o mito do “XX/XY” (Prates, 2018, p. 57) e, por uma obviedade, o próprio mito viril (por mais ultrapassado que pareça, nosso passado recente o atesta com Bolsonaro recebendo quase metade dos votos nas eleições presidenciais de 2022). O problema: a definição da identidade de gênero, seja ela discursiva, biológica, psicossocial ou performativa, é instável e de localização incerta (Butler, 2020).

Em outras palavras, as fórmulas da sexuação nos servem enquanto porta de abertura do porvir da psicanálise quanto à masculinidade para pensar o lugar das exceções, mais do que o da suposta hegemonia como único significante masculino:

Na clínica psicanalítica, *um* homem – isto é, um sujeito que se aloja sob a marca do significante “homem” (qualquer que seja sua anatomia) – não será nem exemplar perfeito de um universal predefinido d’O homem, nem pura singularidade isolada de qualquer coletivo e tampouco será inteiramente redutível aos marcadores interseccionais que distribuem as particularidades da classe dos homens entre os diferentes modelos de masculinidade (Lima, 2022b, p. 20).

A masculinidade, neste sentido, é muito mais sobre a performatividade do que uma fantasia ou uma formalização, é uma conjuntura entre História e antropologia. Um “imperativo” com força de aforismo que circula os territórios virtuais enuncia bem este ponto: “nem todo homem, mas sempre um homem”. Quer chamemos de mito, história, antropologia ou discurso, há um pacto



inconsciente na constituição da masculinidade – nesta “máquina de fabricar machos” (Albuquerque Júnior, 2010, p. 30) – e do homem que os une em um pacto narcísico (Bento, 2022) e em uma performance que flerta com a violência (Ambra, 2021). Mas e a exceção, o “nem todo”?

Não acreditamos que a masculinidade hegemônica tenha deixado sua presença ostensiva para trás, pelo contrário, ela passa por diversas atualizações ao longo do tempo, vindo a, inclusive, tomar para si formas de dissidências: como o surgimento dos metrossexuais nos anos 90 (Hammarén; Johansson, 2014) e a “heteronormatização” de homens gays em São Paulo (Ambra, 2021b). A questão é que temos uma amplitude maior, de difusão facilitada e de possibilidades múltiplas de performativizar a masculinidade, ultrapassando e permeando as fronteiras da separação que Connell e Messerschmidt (2013) fez entre masculinidades homogêneas, cúmplices, subalternas e marginalizadas. Hoje podemos ver e vivenciar uma sobreposição de ideais, referências e, sem dúvidas, de gerações (Figueiredo, 2022). O “nem todo” daria conta de todas estas formulações?

Há uma violência na fundação que produz o homem e na expectativa sobre ele, seja desde a origem, por meio do parricídio de *Totem e Tabu* (imagem do mito da virilidade), seja na imposição de imperativos sobre o “ser homem” (Lima, 2022b). Violência que é perpassada adiante como modo de ensino aos meninos e de imposição na subjugação de formas não hegemônicas – ou seja, que não se vinculam totalmente aos padrões da masculinidade hegemônica – de performatizar a masculinidade: “seja homem” (Bola, 2020).

Neste sentido, há uma nova sobreposição de ideais: enquanto o “seja homem” – que pode ser lido como “nada de homem afeminado” pelas tábuas da sexuação, de Lacan –, que ainda impera nos inconscientes de homens, o destino que ele toma não é universal, mas particular e singular (Lima, 2022b). A outra ideia sobreposta é a da queda deste ideal, ainda que ele assombre enquanto fantasma da masculinidade, o que gera o fenômeno dos “homens perdidos” (Ambra, 2021b) ou o agrupamento em fóruns *Incels* (em tradução livre, celibatários involuntários) – cujo mote é o de homens fora do padrão, mas que reivindicam um lugar de prestígio frente a mulheres que os ignoram (Ribeiro et al., 2021). Não seriam homens hegemônicos, porém, tampouco desconstrutores de uma hegemonia, mas, talvez, possamos propor uma leitura de que sejam fruto de uma masculinidade cúmplice e subalterna hegemônicas: “um grau de sobreposição e indefinição entre as masculinidades hegemônica e cúmplice é extremamente provável se a hegemonia é efetiva (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 253).

Cabe, ainda, um paradoxo presente na constituição da masculinidade hegemônica. Ainda que a contradição esteja presente no que estabelecemos até aqui, há que se destacar a cumplicidade e *broderagem* entre os homens cis-hetero (aqui enquanto representantes de uma masculinidade



hegemônica). Bleichmar (2006), Sedgwick (2016) e Ward (2015) trazem elementos fundamentais na constituição de homens cis-hetero no que se refere a suas sexuações. Por um lado, há uma necessidade em se pautar pela violência, exclusão e homofobia no modo como se chamam “afetivamente” através de xingamentos que carregam o intuito de estabelecer uma relação de proximidade, mas que também parecem limitar simbolicamente – e, quiçá, fisicamente – esta proximidade homosocial. Por outro, podemos ver a necessidade de rituais e transmissões fálicas (ou da masculinidade) para introjetar alguém em uma fraternidade ou para marcar a passagem para a fase adulta. Estas transmissões se dão, costumeiramente, por felações de membros antigos e/ou pelo consumo do esperma destes anciões (Bleichmar, 2006).

Neste mesmo sentido temos a homosocialidade (Sedgwick, 2016). A cumplicidade, fraternidade e mesmo algumas relações homoafetivas entre homens hetero são aceitas até um limite. Ward (2015) sinaliza bem a fronteira entre ser uma relação homossexual e atos homoeróticos entre homens cis-hetero – que também diferem dos homens hetero não normativos (Mascarello; Weinmann, 2022). Neste sentido, o que parece manter uma separação entre a aceitação do homoerotismo entre homens cis-hetero da homossexualidade é justamente a homofobia. As demonstrações de afeto, sejam do modo que forem, passam por um recurso linguístico denegatório que “blindaria” o contato com qualquer indício de feminilidade ou de homoerotismo: segundo Ward (2015), um gesto afetivo, neste caso, é seguido da fala “not gay”. Ou seja, “te amo e te admiro, mas não sou gay!”. Por que haveria a necessidade de afirmar a negativa da homossexualidade?

Butler (2020) diria ser devido ao tabu da homossexualidade, precursor da melancolia de gênero, em que, segundo a autora, só se poderia afirmar um gênero e/ou sexualidade em rejeitando outra; só se poderia autodeclarar homem enquanto o negativo de mulher. Isso não quer dizer que na constituição não haja afetos diversos, como na teoria das pulsões, mas que haveria um Outro que rechaçaria uma parcela (o Nome-do-Pai), deixando-nos reféns de apenas uma configuração sexual e escolha objetal. Qualquer coisa fora disso seria tomado enquanto perversão. Talvez fosse mais preciso lidar com a ideia de recalque, pois há um resto que retorna, deixando escapar algo reprimido em pequenos gestos, lapsos ou em momentos de embriaguez. Este resto, inconsciente, nos diz tanto respeito quanto ao que se consegue nomear seja afirmativamente (“sou homem porque...”), seja negativamente (“nada de homem que...”).

Em um contraponto que também oferece uma abertura ou fissura na estrutura hegemônica da masculinidade, Hammarén e Johansson (2014) refletem sobre o *bromance* poder ser algo para além de uma reafirmação de privilégios do patriarcado, mas uma possibilidade da constituição de relações não necessariamente sexuais que fundaria comunidades, contatos com outras



masculinidades, uma “*queerização*” da heterossexualidade para compartilhar a vida afetiva e uma convivência não competitiva. A ideia de homossocialidade, portanto, poderia ser mais do que o encobrimento do poder masculino, mas uma possibilidade de abertura nos modos de relações da própria heterossexualidade.

Há, porém, dimensões cruciais no debate contemporâneo das masculinidades, ainda que não seja da ordem da novidade, que envolve um para além do que Freud e Lacan – e mesmo comentadores posteriores – consideraram em suas elaborações sobre o masculino e o homem. São elas a raça, a classe, a identidade de gênero, a sexualidade – enquanto escolha objetual –, a urbanidade e, ainda, a digitalidade.

Não é possível universalizar o imperativo “nada de homem que não esteja submetido à ordem fálica”, “nada de homem que seja afeminado” etc. (ou seja, o “seja homem”) tomando o homem como apenas o avesso do feminino. A negritude, as transidentidades, a não binaridade, o campesinato e as tramas digitais não formam masculinos nesta oposição. Esta oposição serve apenas como estruturação para a masculinidade hegemônica. As outras masculinidades não são o avesso da hegemônica – pois também são atravessadas por ela –, mas sua contraprova e contraposição.

Fanon (2008, p. 26) já afirmava: “o negro não é um homem”. Como opera então o “seja homem” nas masculinidades dissidentes? Aqui corremos um perigo: o da universalização e determinação de um novo imperativo para a masculinidade (Ambra, 2021). O estigma dos “homens perdidos” não pode ter como resposta um novo “seja isso”. Se podemos apreender algo com Butler (2020) e com as teorias *queer* é justamente a de fugir a tentativa de encapsulamento definidor de estratos sociais como fossem nichos de mercado – algo bem aproveitado pelo *pink money* (Yeh, sem data).

A masculinidade estaria em crise. Mas qual delas? Se, por um lado, deflagramos movimentos progressistas de tensionamento da masculinidade; por outro, temos discursos e redes de ódio virtuais que distorcem esta crise em um movimento neoliberal de fortalecimento do masculinismo bem conhecido (Dupuis-Déri, 2022; Silva, 2023). A violência, dessa maneira, se mostra novamente como constitutiva da masculinidade, seja pela performance violenta contra outros homens e contra mulheres, seja em relação aos homens constituídos em meio a um Outro violento contra sua masculinidade não alinhada ao padrão hegemônico. Mais uma vez, o risco de tornar universal alguma forma de masculinidade. Será esse o mito da masculinidade?

Será que as formalizações de Lacan dão conta de pensar as sexuações com uma proposta binária apenas enquanto gozo fálico e gozo Outro? Quando criticamos a masculinidade hegemônica e sua representação extensiva na psicanálise como sendo A masculinidade, entramos em um certo



looping. A ideia de infinito – presente no “lado mulher” das fórmulas –, de uma constituição no um a um para pensar a sexuação masculina para além do hegemônico, mesmo que atravessado pelo ideal do pai da horda, se aproxima das teorias *queer* de sexuação e sexualidade em sua impossibilidade de definir o real do sexo ou acaba apenas reproduzindo a pergunta de Freud: “o que quer a mulher?” atualizando-a para “o que quer um sexo?” (Ambra, 2021)? Esta ideia é bem explorada por Thamy Ayouch (2014) ao pensar as limitações inerentes ao pensamento psicanalítico assim como as muitas pistas deixadas por Freud – ainda que ele mesmo não as tenha seguido – para pensar não apenas as sexuações masculinas, mas a atribuição e a performatividade de gênero que transcendem o binarismo falo e além falo. O que parece importante enquanto horizonte é a diferenciação proposta por Bleichmar (1999) entre “constituição psíquica” e “produção de subjetividade”. Haveria um universal pulsional que, em sua organização produziria nosso psiquismo que, a partir disso, estaria em um constante processo de devir e de subjetivação particular e singular a ser definido pela relação com o Outro. Não significando que um se sobrepõe ao outro, mas que sujeito e psiquismo não podem ser confundidos, mas explorados.

4 Masculinidades digitais

Comunidades digitais são exemplos de novos Outros que nos antecipam na linguagem e geram locais de pertencimento e criam subjetividades (Bleichmar, 1999; Zuboff, 2020). Há uma nova gama de possibilidades abertas nesse movimento ciborgue dos sujeitos no que concerne à produção de identidade, comunidade e sexualidade (Haraway, 2009). A montagem do corpo torna-se cada vez mais explícita pela popularização de procedimentos estéticos, uso de filtros que alteram os rostos no Instagram, terapias hormonais, tatuagens, tratamentos estéticos, etc. a fronteira entre natureza, tecnologia e artificialidade foi borrada (*Ibidem*, 2009).

Neste sentido, onde a psicanálise se encontra? De que maneira seus conceitos ainda são interessantes como estão? O que precisa mudar, atualizar, transformar, excluir, adicionar? Tomando emprestada a pergunta de Silvia Bleichmar (2020, p. 93): “están dadas las condiciones para que haya psicoanalistas en el 2050”? E, ainda, “¿Es necesario y legítimo -como lo fuera a principios de siglo la hipótesis del inconciente- sostener su existencia?” (Bleichmar, 2020, p. 95). Talvez parte da resistência da psicanálise em produzir novas formalizações e novos conceitos também esteja alinhada com a cultura de nosso tempo, ainda que isso envolva camadas geracionais de progressismo, reacionarismo e conservadorismo. É preciso encarar a “hipótese de que a psicanálise é não-toda subversiva” (Ambra, 2016, p. 106).

O que pode acabar com a psicanálise ou deixá-la obsoleta não é modernizar-se ou beber do



hoje – na ideia de que o hoje está perdido – mas justamente na insistência do passado como solução (Cunha, 2022). Isso é importante quando discutimos a masculinidade, pois envolve direcionar a atenção a movimentos contemporâneos relacionados a ela: grupos virtuais da machosfera⁷, grupos reflexivos de homens buscando uma masculinidade saudável, visibilidade a masculinidades trans, negras, periféricas que ganham espaço em redes sociais ou em podcasts, entre outros. Mesmo artistas heterossexuais propondo realocação de valores e demonstração de afeto (Laurent-Mayard, 2022). Centenas de vídeos com atletas, profissionais, pessoas comuns compartilhando suas dores em meio ao patriarcado, algo não necessariamente novo em relação à masculinidade no discurso de mídia (Connell; Messerschmidt, 2013), mas que ganha outras dimensões e alcances com o uso de algoritmos e a possibilidade de viralização (Silveira; Souza. Cassino, 2021). Há um discurso que ganha corpo e consistência nessa onda digital do compartilhamento, concomitante à 4ª onda do feminismo (Perez; Ricoldi, 2019).

Isso não impede que não haja grupos masculinistas, violências de gênero, organizações de chacinhas e até vídeos ilustrativos de machismos no cotidiano. A ampliação e liberdade sexual de uma proposta de heterossexualidade não-hegemônica⁸, que problematiza o próprio ser, as próprias referências e amplia os modos de gozo para além do fálico não produz a inexistência da violência de gênero e as configurações de um sistema sexo/gênero (Rubin, 2017), cujos homens são os beneficiados (Mascarello; Weinmann, 2022). Seriam esses o limite e a tarefa impossível da psicanálise na clínica com homens (Freud, 2017)?

A cibercultura não apenas reflete a cultura que conhecemos, mas também a produz (Zuboff, 2020). Não se trata de um mero reflexo da subjetividade, mas de sua própria constituição. No âmbito da discussão de gênero e da sexualidade poderíamos pegar como um breve exemplo a pornografia. Se, por um lado, há uma produção imaginária que serve de manual do sexo a adolescentes e jovens adultos inaugurando a vida sexual – com marcas de hiperperformance e violência –; por outro,

⁷ A machosfera é o nome brasileiro para a *manosphere*, “uma coletânea heterogênea de diversas comunidades e fóruns online”, responsável por iniciar “técnicas de assédio para alavancar indivíduos, comunidades e governos” (Vilaça; D’Andréa, p. 414). É nesta esfera que comunidades *Red Pill* e *Incels* estão. No Brasil, a relação é quase indiferenciável com a estadunidense, a diferença estaria em alguns marcadores sociais e algumas complexificações de questões para a participação, tendo como efeito, ações semelhantes às vistas fora do Brasil, como ataques a escolas e episódios de violência de gênero.

⁸ Entendemos por “heterossexualidade não-hegemônica”, “não-normativa” ou até mesmo “heterossexualidade *queer*” a ideia de uma heterossexualidade que experiencia “formas de ser masculina fora das construções heteronormativas de masculinidade que desestabilizam ou têm o potencial de desestabilizar a masculinidade heterossexual hegemônica” (Heasley, 2005, p. 310). Tal agrupamento de categorias sobre a masculinidade heterossexual diz respeito a “diferentes graus e interseções, de aspectos repudiados pelas masculinidades hegemônicas como as identidades e experiências enviesadas de modo mais intenso pela feminilidade e/ou homoafetividade, em paralelo a aproximações mais substanciais aos universos culturais e de sociabilidade de mulheres e de gays; e consideram, ainda, os diversos graus de consciência ideológica, ação política e publicização ou não, por esses homens, dessa sua performatividade *queer*” (Mascarello; Weinmann, 2022, p. 11).



a pesquisa feita pelo *Pornhub* e pela *Sexy Hot*⁹ nos mostra a incoerência da norma dos corpos e do sexo. Isso nos abriria dois ramos: 1) haveria uma fetichização e objetificação de corpos dissidentes? De maneira a tomá-los apenas como corpos de submissão sexual ao invés de amor, reiterando a ideia de Freud descrita acima em relação à degradação do objeto? 2) Há um desejo de compreender o real do sexo e a própria estranheza ao corpo Outro, uma estranheza familiar, algo que toca, que diz de algo esquecido ou recalado em relação ao estrangeiro presente em nós mesmos (Freud, 2010b).

Não daremos conta de responder a todas estas perguntas, que surgem em um contexto de primeiro contato com as questões que emergem da disputa de gênero no campo do digital. Ainda assim, temos uma pista importante no que Edgley Duarte de Lima (2023) escreve sobre o sexual sempre fazer questão, independentemente de estarmos em tempos em que algumas performatividades de gênero possam ser mais fluídas e menos determinadas rigidamente, algo do sexual – como entendemos em psicanálise – está no registro do que faz questão, do que é indeterminável. Em outros termos, “o sexual é a diferença” (Ambra, 2022, p. 152). A partir disso, podemos refletir sobre as inúmeras tentativas de, através da linguagem e de alguns imperativos morais, encerrar a angústia decorrente da incapacidade de identidades de gênero fixas darem conta da indeterminação sexual.

Não é surpresa nos depararmos com títulos de notícias e discursos cotidianos nomeando as “masculinidades tóxicas” e, mais recentemente e indiretamente, as “masculinidades saudáveis”. Trata-se de cabeçalhos existentes já há algumas décadas, mas que parecem terem reemergido com o avanço das redes sociais e com as formas de militâncias digitais (Perez; Ricoldi, 2019; Sugiura, 2021). São termos que, de alguma maneira, tentam cercear o gozo, de maneira a defini-lo moralmente enquanto “bom” ou “ruim” a partir de práticas imprecisas e usadas por diferentes perspectivas da masculinidade, seja uma conservadora ou reacionária – como os da machosfera, para quem o tóxico é o feminismo e o saudável é a manutenção dos privilégios masculinos –, seja uma mais progressista ou reflexiva – onde o tóxico envolve comportamentos auto ou heterolesivos e o saudável seria a adoção de posturas mais “positivas” em relação à vida e às pressões do ideal viril (Waling, 2019).

Assim, diversas são as estratégias e tentativas de dar borda se mostram presentes; desde um uso desmedido de conteúdos acessíveis para alcançar a um suposto saber sobre o sexo, quanto a uma infinidade de regras sobre o sexual. Exemplos disso estão tanto na machosfera – a partir das

9 Consultar: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76sao-homens-diz-pesquisa.ghtml> e <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/12/15/pesquisas-pornhub-brasil-2021.htm>



regras de sedução *Red Pill*, normas de como lidar com mulheres dos MGTOW, revoltas *Incels* ou movimentos como os *NoFappers*¹⁰ para preservar a masculinidade e a testosterona –, quanto nas vielas reflexivas ou que problematizam a masculinidade – fazendo uso de grupos reflexivos entre homens (como os da MEMOH¹¹), organizando retiros espirituais para um contato maior com o próprio corpo e a sexualidade (como os de Cláudio Serva¹² e Guerreiros do Coração¹³), entre outras estratégias (Miola, 2024).

O que resta à psicanálise nesta fórmula? Os movimentos pulsionais, as escolhas objetais, os significantes, o Outro são outros (Blestcher, 2022). Em que se concretizam as vicissitudes das pulsões? Que objetos *a* são produzidos em larga escala e parecem manufaturar tamponamentos na produção de subjetividade – e, portanto, de desejo – nas redes sociais e estratégias do colonialismo de dados? Como se dá a transferência no tempo da urgência? O que atualiza o inconsciente em relação ao que também, agora, é possível retornar do recalcado? Cabe a nós, psicanalistas, buscarmos mais do que respostas, mas manter interrogações nestas movimentações. O erro seria, justamente, fechar respostas em Freud e Lacan como fossem intocáveis arautos da verdade (Blestcher, 2022). O que resta à psicanálise, portanto, é a tarefa de possibilitar um desmoronamento do que está estabelecido, como diz Edgley Duarte de Lima (2023), é preciso “desver” o que parece óbvio, estabelecido e significado para retomar a dimensão vacilante do significante para ver de novo; sem que esta revisão seja o ponto final, mas que permita pontuações. Se Preciado (2023) interroga para quem o mundo estava sendo reservado e a quem pertencia seu passado, é porque o futuro se torna incerto. Logo, poder “desver” e fazer desmoronar as ilusões de impermeabilidade é tarefa imprescindível à psicanálise.

Neste sentido, o digital e os grupos nele presente envolvem a produção e divulgação do que se entende por masculinidade e por homem (Figueiredo, 2022). Desta maneira, como a distribuição por algoritmos (privilegiando conteúdos em detrimento de outros), o capitalismo de dados (tomando modos de existência como produto de marketing e público-alvo), a não moderação de conteúdos fortalece, funda ou atualiza noções de gênero (Dip, 2022; Natansohn, 2021)? Talvez os dois.

Da mesma maneira, como estes grupos organizados produzem masculinidades, seja na machosfera, nas redes de grupos reflexivos, na pornografia, nas violências – inclusive na

10 Movimento surgido na internet para que homens e meninos não se masturbassem por um período de tempo, de maneira a não desperdiçarem sua testosterona. Alguns derivados desse movimento exaltavam a diminuição do consumo de pornografia (Sugiura, 2021).

11 <https://memoh.com.br/>

12 <https://www.prazerele.com.br/>

13 <https://guerreirosdocoracao.com.br/>



subalternidade hegemônica de grupos como o *MGTOW* (*Men Going Their Own Way*) e os *Incels*? Indo além, como grupos reflexivos se organizam ao redor dos ideais de masculinidade? Como o pacto narcísico efetua influência e produz subjetividade em larga escala sob o discurso da verdade e da saúde? Há uma nova proposta, uma reorganização ou uma diretriz que repete, como o discurso da crise da masculinidade que apenas reproduz bastiões da virilidade e do “homem forte”? quais são as novas modalidades de “homem forte”? O ser homem, portanto, deverá sempre lidar com os andares significantes da norma hegemônica e do privilégio do patriarcado que atravessa e subjetiva homens, mesmo nos dissidentes: como essa norma atravessa e produz subjetividade? A isso, cabe também à psicanálise atentar-se aos próprios movimentos da cultura e dos preceitos teóricos para escutar as repetições e não as normalizar.

A algumas destas questões pudemos responder de maneira preliminar e provisória ao longo deste trabalho, indicando algumas possibilidades de interpretação e de leitura a partir de novas questões – a maneira como trabalha a psicanálise. Se a psicanálise se propõe a uma escuta subversiva e não adaptativa do sujeito em sociedade, parte destas questões provocam o olhar crítico para estas novas modalidades de estar e produzir socialmente. Se a resposta a uma masculinidade tóxica é uma saudável, com práticas e estratégias tanto individuais quanto coletivas de reinserção e revisão na disputa de gênero, é preciso interrogar que saída é esta. A reunião entre homens em grupos reflexivos produz um deslocamento ou fazem uma manutenção dos lugares de privilégio a partir de uma nova concepção de “novo homem” (Araujo filho, 2023; Voks, 2021)?

Neste sentido, o que marca a crise da masculinidade de nosso tempo visto que temos um crescimento de comunidades da machosfera, ao mesmo tempo em que temos uma circulação de páginas pautadas por uma produção de masculinidades mais “saudáveis”, como a *Papo de Homem* (produtora de pesquisas e documentários) (Ribeiro et al, 2021)? É neste sentido que a ideia de ideal viril ganha novos significados, a partir não dos efeitos sociais que discursos “saudáveis” podem, de fato, trazer contribuições, mas para o lugar de manutenção da posição de privilégio de homens através das atualizações de um tempo. Como questiona Gabriella Morena (2021), é preciso um olhar atento para que homens participantes destes grupos reflexivos não estejam buscando ocupar um novo local de dominância sobre os outros, com a sensação de superioridade por estarem em reflexão.

Neste sentido, Andrea Waling (2019) questiona se a ideia da oposição masculinidade tóxica e masculinidade saudável não estariam apenas atualizando a binarização de gênero ao invés de questionando-a. Por isso, a proposta de desmoronamento de alguns preceitos, junto de um olhar crítico a um campo crescente e ainda pouco explorado é importante mais enquanto pergunta



constante do que necessariamente tecer respostas finais sobre o assunto.

Referências

- AMBRA, Pedro. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 5, p.101–120, jul. 2016.
- AMBRA, Pedro. *Cartografias da masculinidade*. São Paulo: Editora Cult, 2021a.
- AMBRA, Pedro. *O que é um homem?* Psicanálise e história da masculinidade no ocidente. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021b.
- AMBRA, Pedro. *O ser sexual e seus outros: Gênero, autorização e nomeação em Lacan*. São Paulo: Blucher, 2022.
- ARAUJO FILHO, Alberto Luis. Uma nova “casa dos homens”? O gênero em questão nos grupos terapêuticos masculinos. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 8, n. 4, p. 28-57, 2023.
- AYOUC, Thamy. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: Aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 48, n. 4, p.58–70, dez. 2014.
- BAYDOUN, Mahmoud. *Não sou nem curto afeminados: Reflexões viadas sobre a efeminofobia nos apps de pegação*. Salvador: Editora Devires, 2020.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BLEICHMAR, Silvia. Entre la producción de subjetividad y la constitución del psiquismo. *Revista del Ateneo Psicoanalítico*, v. 2, 1999.
- BLEICHMAR, Silvia. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- BLEICHMAR, Silvia. El legado del psicoanálisis. In: CARPINTERO, Enrique (org.). *Un psicoanalista en el 2050*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2020. p. 93–105.
- BLESTCHER, Facundo. Formación Psicoanalítica E Historicidad: Una Lectura Sintomática De Su Actualidad Y Porvenir. *Revista Equinoccio*, v. 3, n. 1, jul. 2022.
- BOLA, J. J. *Seja homem: A masculinidade desmascarada*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2020.
- BONFIM, Flavia. Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise, *Periódicus*, v. 1, n. 12, p. 09-24, mai.-ago. 2020.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.



BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p.241–282, abr. 2013.

COSSI, Rafael Kalaf. O Sexo em psicanálise como ontologia negativa. *Psicologia em Estudo*, v. 28, out. 2022.

CUNHA, Eduardo Leal. A psicanálise, o sexo e a caixa de ferramentas de Michel Foucault. In: STONA, José (org.). *Relações de gênero e escutas clínicas: Volume II*. Aracaju: Afirmativa, 2022. p. 55-80.

CUNHA, Tito Cardoso e. Do mito coletivo ao mito individual. In: Lacan, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987. p. 9-41.

DIP, Andrea. *A democracia aceita os termos e condições?: Eleições 2022 e a política com os algoritmos*. [s.l.]: Fundação Heirich Böll, 2022.
DUPUIS-DÉRI, Francis. *A crise da masculinidade: Autópsia de um mito tenaz*. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2022 .

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

FIGUEIREDO, Drielly Elienny Duarte de. *Homem internauticus: Reflexões sobre juventude(s), influencers digitais e estéticas da masculinidade através de perfis do Instagram*. 2022. 121fs. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: Vol.2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. (1950). Die Endliche und die Unendliche Analyse. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke: XVI: Werke aus den jahren 1932-1939* (Vol. 16). Londres: Imago Publishing Co., 1950. p. 59–102.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 161–239.

FREUD, Sigmund. O inquietante (1919). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p.247-283.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume II: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 8-177.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).



In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.13-172.

FREUD, Sigmund. A análise finita e a infinita (1937). In: FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. P. 295-343.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo; Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939) (Vol. 19)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. p. 172-207.

FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b. p. 190-198.

FREUD, Sigmund. Organização genital infantil (1923). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade e feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018c. p. 183-189.

FREUD, Sigmund. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa (1912). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018d. p. 101-115.

FREUD, Sigmund. Sobre teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade e feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018e. p. 64-84.

FREUD, Sigmund. Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens (1910). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018f. p. 88-100.

Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos*. São Paulo: Zahar, 2021.

HAMMARÉN, Nils; JOHANSSON, Thomas. Homosociality: In Between Power and Intimacy. *SAGE Open*, v. 4, n. 1, jan. 2014.

HARAWAY, Donna. Jeanne. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. (org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HEASLEY, Robert. Queer masculinities of straight men. *Men and Masculinities*, v. 7, p. 310-320, 2005.

HOCQUENGHEM, Guy, SCHÉRER, René; Preciado, Paul Beatriz. *El deseo homossexual*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, aug. 1998. DOI: 10.1590/S0104-71831998000200007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 jan. 2024.



ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Conferência de abertura, máquina de fazer machos: Gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 23–34.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*. 3. ed. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 4: A Relação De Objeto*. São Paulo: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 5: As Formações Do Inconsciente*. São Paulo: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. São Paulo: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 18: De Um Discurso Que Não Fosse Semblante*. São Paulo: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. São Paulo: Zahar, 2021.

LAURENT-MAYARD, Aline. *Libérés de la masculinité: Comment Timothée Chalamet m'a fait croire à l'homme nouveau*. Paris: JC Lattès, 2022.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LIMA, Edgley Duarte de. *Homens, masculinidades e psicanálise: Desver o masculino*. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2023.

LIMA, Vinícius Moreira; Vorcaro, Ângela Maria Resende. Os gêneros tradicionais e a sexualização: Os impasses do sujeito entre o sentido e o furo. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, v. 10, n. 1, p.35-48, jan.-jun. 2018.

LIMA, Vinícius Moreira. *HOMENS EM ANÁLISE: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana*. 2022. 190fs. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022a.

LIMA, Vinícius Moreira. Psicanálise e masculinidades. In: BENTO, Hugo (org.). *Entre (uns) nós: Masculinidades e psicanálise*. [s.l.]: Edição do autor, 2022b.

MEDRADO, Benedito; NASCIMENTO, Marcos; LYRA, Jorge. Os feminismos e os homens no contexto brasileiro: provocações a partir do encontro 13º Fórum Internacional AWID, *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 2, v. 24, p. 603-608, fev. 2019.

MASCARELLO, Fernando; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Menos repulsa, mais fascínio: Feminização dos homens héteros no coito e



repúdio freudiano da feminilidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 8, n. 3, p.199–226, out. 2022.

MILLER, Jacques-Alain. Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção Lacaniana*, v. 64, p.9–67, 2011.

MIOLA, João Luís. Psicanálise e masculinidades: além do tóxico e do saudável. In: STONA, José. *Isso não é psicanálise? Tensionamentos em Psicanálise e Relações de Gênero*. Canoas: Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero, 2024. p. 389-412.

MORENA, Gabriella. Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual: Adaptações, desafios metodológicos, potencialidades. *Novas Perspectiva Sistêmica*, v. 30, n. 69, p. 113-116, 2021.

MURTA, Cláudia. Elementos para a construção das fórmulas da sexualização. *Princípios: Revista De Filosofia (UFRN)*, v. 10, n. 13–14, p.91–106, out. 2010.

NATANSOHN, Graciela (org.). *Ciberfeminismos 3.0*. Covilhã: LABCOM, 2021.

MUSZKAT, Susana. *Violência e masculinidade: Uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. 208 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NAGLE, Angela. *Kill all normies: The online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*. Winchester: Zer0 Books, 2017.

OLIVEIRA, André Assis Breder; FRANÇA, Cassandra Pereira. De pai para filho: O paradoxo fundamental da masculinidade. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 10, n. 1, p.83-106, jan.-abr. 2019.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: Interseccional, digital e coletiva. *X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)*, p. 1–22, 2019.

PRATES, Ana Laura. Gozar de boneca: Mapas anatômicos e genéticos. In: FANÇOIA, Carla; PORCHAT, Patrícia; CORSETTO, Patrizia. *Psicanálise e gênero narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*. Curitiba: Calligraphie Editora, 2018. p. 51-61.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. São Paulo: Zahar, 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. São Paulo: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. São Paulo: Zahar, 2023

RIBEIRO, Manoel Horta; BLACKBURN, Jeremy; BRADLYN, Barry; DE CRISTOFARO, Emiliano; STRINGHINI, Gianluca; LONG, Summer; GREENBERG, Stephanie; ZANNETTOU, Savvas. The Evolution of the Manosphere across the Web. *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media*, v. 15, p.196–207, mai. 2021.



RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English literature and male homosocial desire*. Nova York: Columbia University Press, 2016.

SILVA, Bruna Camilo de Souza. *MASCULINISMO: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco. *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. O homem negro viril: embates raciais e de gênero como um discurso sobre virilidade. *Revista África e africanidades*, Quissamã, v. 16, n. 46, p. 110-121, mai. 2023. Disponível em: https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Dossie_Estudos_sobre_homens_nao_brancos.pdf#page=111 . Acesso em: 24 jan. 2025.

SUGIURA, Lisa. The Emergence and Development of the Manosphere. In: SUGIURA, Lisa. *The Incel Rebellion: The Rise of the Manosphere and the Virtual War Against Women*. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2021. p. 15-36.

TEIXEIRA, Antônio. O que significa fazer existir A mulher que não existe na psicose. In: ANTELO, Marcela; IORDAN, Gurgel. *O feminino infamiliar: Dizer o indizível*. Brasília: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 302-311.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da *manosphere* à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021.

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira, *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, n. 37, 2021.

VOLNOVICH, Juan Carlos. Viejas y nuevas masculinidades. In: FAUR, Eleonor. *Mujeres y varones en la Argentina de hoy: Gêneros en movimiento*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017. p. 133-154.

WALING, Andrea. Problematizing ‘Toxic’ and ‘Healthy’ Masculinity for Addressing Gender Inequalities. *Australian Feminist Studies*, v. 34, n. 101, p. 362-375, 2019.

WARD, Elizabeth Jane. *Not gay: Sex between straight white men*. Nova York: New York university press, 2015.

YEH, Lorenzo. Pink Capitalism: Perspectives and Implications for Cultural Management. *Prospectiva i Anàlisi de Projectes Culturals* v. 2, s.d.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

